

# TRABALHO E GESTÃO ATRAVÉS DO CINEMA

Bruno Chapadeiro Ribeiro<sup>1</sup>

Prof. Giovanni Alves<sup>2</sup>

## 1. Resumo

O novo complexo de reestruturação produtiva sob a mundialização do capital tende a impulsionar, as metamorfoses do trabalho e a fragmentação da classe dos trabalhadores assalariados (Alves, 1999). Nos dias atuais, surge o que podemos denominar *um novo (e precário) mundo do trabalho* observando-se novas (e cruciais) provocações do capital para o mundo do trabalho organizado tornando-se então, necessária a inclusão do entendimento do papel das organizações e da gestão neste cenário. Dentre os temas já explorados pelo cinema, o trabalho é um destes temas recorrente na história do pensamento humano desde há longo tempo. Esta pesquisa objetiva analisar o trabalho e a representação das teorias da gestão através de filmes. A metodologia utilizada compõe-se em três etapas: análise bibliográfica, análise documental (filmes) e técnicas de hermenêutica crítica. Dessa forma, propõe-se a identificar filmes do cinema mundial que apresentem conteúdos sobre “trabalho e gestão”, analisar o contexto sócio-histórico dos filmes em questão, e descrever a precarização do trabalho e as teorias da gestão elucidadas nas produções fílmicas.

## 2. Introdução

O novo complexo de reestruturação produtiva sob a mundialização do capital tende a impulsionar, em sua dimensão objetiva, as metamorfoses do trabalho e a fragmentação da classe dos trabalhadores assalariados (cujos principais exemplos são a proliferação da subproletarização tardia e do desemprego estrutural) (Alves, 1999). Nos dias atuais, surge o que podemos denominar *um novo (e precário) mundo do trabalho* observando-se novas (e cruciais) provocações do capital para o mundo do trabalho organizado.

O novo período de desenvolvimento do capitalismo mundial, que surge a partir da década de 1980 pode ser caracterizado como sendo o de “mundialização do capital” (uma denominação mais precisa para o fenômeno da “globalização”). Na verdade, estamos diante de um novo regime de acumulação capitalista, um novo patamar do processo de internacionalização do capital, com características

---

<sup>1</sup> Graduado em Psicologia pela UNESP – Faculdade de Ciências e Letras de Assis e aluno especial no programa de Mestrado em Educação da UNESP – Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília. E-mail: [brunochapadeiro@yahoo.com.br](mailto:brunochapadeiro@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Livre-Docente em Teoria Sociológica pela UNESP – Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília e professor de sociologia da mesma. E-mail: [giovanni.alves@uol.com.br](mailto:giovanni.alves@uol.com.br)

próprias e particulares se comparada com etapas anteriores do desenvolvimento do capitalismo. Esse novo período capitalista se desenvolve no bojo de uma profunda crise de superprodução (Brenner, 1999 apud Alves, 1999) e é caracterizado por outros autores como sendo marcado pela “produção destrutiva” (Mészáros, 1997 apud Alves, 1999) ou ainda pela “acumulação flexível” (Harvey, 1993 apud Alves, 1999).

Diante deste cenário, a busca pela definição do conceito de trabalho faz-se presente ainda atualmente. A centralidade deste conceito, tomado nessa dimensão, é hoje tão debatida nas instituições empresariais, sindicais, acadêmicas e governamentais que aquilo que poderíamos chamar de “essência do trabalho” acaba sendo deixado em segundo plano. A recente crise econômica mundial e as diferentes formas de gestão do trabalho adotadas ao redor do globo vem nos explicitar que, ao falarmos em *trabalho* não estaríamos necessariamente falando do mesmo objeto. Sabe-se que o século XX moldou-se pela estruturação da chamada *sociedade do trabalho*, em que desde muito cedo fomos educados para o princípio fundante do trabalho. Esse cenário começa a ruir, no entanto, a partir dos últimos vinte anos. Quanto mais a população vem aumentando, menor é a capacidade de incorporar os jovens no mercado de trabalho. Nota-se portanto a atual situação do assim chamado *novo (e precário) mundo do trabalho*: não encontra-se mais “empregos formais” para aqueles que dele necessitam para sobreviver e os que ainda estão empregados em geral trabalham muito, em jornadas de trabalho excessivas sob condições precárias, e não ficam um dia sem pensar no risco do desemprego.

Na medida em se desenvolve o *desemprego estrutural* e o *trabalho precário*, que parecem indicar a necrose social da lógica capitalista-mercantil, impulsiona-se, por outro lado, o *mundo dos pequenos negócios*, um imenso campo de reprodução ideológica (e material) do espírito da produção de mercadorias (apontado, inclusive, pelos ideólogos da burguesia, como sendo uma das saídas para o desemprego estrutural) (Alves, 1999).

No *novo (e precário) mundo do trabalho*, não apenas da indústria, mas principalmente dos serviços, que devemos voltar a nossa atenção, e nele, principalmente para os subproletários tardios, há uma fração de classe desprezada pelos *sindicatos fordistas*. É a partir deles – do vasto mundo do

trabalho precário - que o sistema do capital tenderá a impulsionar sua expansão. É a nova barbárie social que se constitui através do mundo do trabalho precário que deve ser denunciada. Talvez, amanhã, os índices de desemprego possam até cair, em termos relativos, só que às custas da barbarização da vida social (Alves, 1999). Deste modo, a luta social deve ser conduzida contra a voracidade do capital que tenta transformar o *tempo de vida* em *tempo de trabalho*, algo que contribuiria tão-somente para a degradação humana. É o que está ocorrendo, hoje, na principal economia capitalista do mundo – vive-se para ser explorado pelo o capital.

Diante da análise da forma como nossas sociedades funcionam em relação ao trabalho, torna-se necessário a inclusão do entedimento do papel das organizações e da gestão neste cenário.

Falar em organizações é também pensar que estas são criações ou ferramentas sociais, produtos de ações individuais e coletivas onde, suas dinâmicas e processos entrelaçam-se com processos e dinâmicas de indivíduos e de grupos em um espaço e tempo que delimitam e circunscrevem suas interações. Zanelli (2008) nos diz que as novas relações de trabalho dentro das organizações impõem maior complexidade às relações entre as pessoas e as organizações, emergindo novos contratos psicológicos, seus impactos e recompensas, percepção de equidade e no comprometimento; na área de gestão do desempenho, sobressai o papel das metas e autogerenciamento; cresce o interesse pelos processos de aprendizagem (individual e organizacional, intra e inter empresas), face à turbulência dos ambientes competitivos, aos modelos flexíveis de organização e à sofisticação tecnológica.

O autor prossegue:

*A reestruturação do significado 'organização' tem, como não poderia deixar de ser, impacto sobre a forma como vários outros fenômenos organizacionais são compreendidos, investigados e gerenciados. Possivelmente não há um só conceito no campo dos estudos organizacionais que tenha sido revisto, reinterpretado e re-analisado à luz desta nova perspectiva. Essas mudanças coincidem com as transformações que estão reconfigurando o mundo do trabalho, as arquiteturas organizacionais e os modelos de gestão. (ZANELLI, 2008).*

A emergência de uma sociedade do conhecimento, o desenvolvimento das tecnologias de informação (TI) e o processo de mundialização do capital inequivocamente alteraram a forma como ao longo de várias décadas se exerceu a gestão dentro das organizações.

Em presença de uma economia proveniente da mundialização do capital, em rápida mutação e orientada para a especificidade de cada cliente em particular, as organizações têm de possuir uma maior flexibilidade e capacidade de inovação como condição *sinequanon* para se manterem competitivas. Isto leva os agentes econômicos a requerer uma maior flexibilização na gestão do fator trabalho e dos seus custos e uma maior diversificação das relações intra e inter organizacionais.

Com a emergência de uma sociedade do conhecimento, a produção de bens não tangíveis assume um peso crescente na economia. O conhecimento está integrado numa proporção crescente em todas as atividades, dado que a produção de um bem ou serviço incorpora cada vez mais informação e conhecimento. O conhecimento surge assim como um valor econômico em si que importa gerir de forma eficiente (Santos, 2004).

Estamos assim perante a existência de diferentes práticas de gestão dos recursos humanos. Se por um lado, tende a haver uma gestão que potencializa o conhecimento e as competências individuais ao nível dos núcleos chave, correspondendo aos trabalhadores considerados de “grande valor”, por outro lado, os outros grupos de trabalhadores tendem a ser geridos de modo convencional ou externalizados, ficando excluídos deste processo, o qual pressupõe um desenvolvimento pessoal e profissional. Pode-se afirmar, então, que muitos destes pressupostos aplicam-se a um número restrito de pessoas tendendo a predominar uma gestão instrumental do trabalho humano.

A administração científica, por meio de Taylor, difundiu a idéia do homem almejando obter o máximo de dinheiro em troca do mínimo esforço possível. Revista a desatenção desse autor para o fator humano como elemento de contracontrole, os empresários deram-se conta da importância de investir no controle dos recursos humanos. Desta forma, a Psicologia Organizacional e do Trabalho tem sido acusada de manipular os trabalhadores já no berço da indústria americana do século XX, onde os psicólogos, surgem nesse contexto como os

grandes aliados do capital, aqueles que se preocupam com a aplicação, sem questionar sua finalidade: os “servos do poder” (Zanelli, 2002).

O termo Psicologia Organizacional e do Trabalho (POT), empregado desde a década de 90, tem por objetivo contemplar a atual diversidade da área, de modo a propor a existência de dois grandes eixos de fenômenos que envolvem aspectos psicossociais: as *organizações*, enquanto ferramenta social formadora de coletivos humanos e o *trabalho*, enquanto atividade básica do ser humano reprodutora de sua própria existência e da sociedade (Bastos, 2003).

Os objetivos da atuação em Psicologia Organizacional e do Trabalho devem cobrir as ações principais da área de gestão de recursos humanos, explicitando aos profissionais que nela atuam (embora possam e devam ter subáreas de maior especialização) que estes não podem prescindir de uma visão global da área e dos seus fins na organização (Bastos & Galvão-Martins, 1990). Tal perspectiva atende, assim, às preocupações de Mendonça (apud Bastos & Galvão-Martins, 1990) quando discute um possível papel da gestão de recursos humanos. Incorpora, também, as modificações que já vêm se processando ao longo do tempo, em que o psicólogo inserido nesse modelo de gestão já não limita sua atuação aos processos de seleção de pessoal, que comumente precarizam os modos de gestão utilizados no capitalismo global, mas tem se responsabilizado, crescentemente, por tarefas e/ou desafios que a situação de trabalho coloca aos recursos humanos nas organizações.

*A necessidade da revisão da nomenclatura nos anos de 1950 para diferenciar Psicologia do Trabalho de Psicologia Organizacional agora se repete, tendo em vista o crescimento do trabalho independentemente de um local específico, mais centrado no profissional. (...) A POT é novamente convocada a contribuir com a compreensão dessa nova sintaxe. Tal como colocou Rosseau (1997), a Psicologia Organizacional enfrenta uma nova era. Muitas são as exigências de revisão dos modelos e conceitos da gestão. Os instrumentos de trabalho são outros. Da operação das máquinas evoluiu-se para a gestão do controle através dos computadores, evolução que impõe aos pesquisadores a revisão das exigências de competências e do equacionamento das recompensas. (Malvezzi, 2004).*

Na Psicologia Organizacional e do Trabalho, por sua vez, fala-se em constructos como motivação para o trabalho, comprometimento no trabalho,

envolvimento no trabalho, aprendizagem no trabalho, sociabilização no trabalho, satisfação no trabalho, treinamento em trabalho, aconselhamento no trabalho, estresse no trabalho, qualidade de vida no trabalho e assim por diante (Borges & Yamamoto, 2004).

Compreende-se portanto que é a partir dos anos 90 que o fazer do psicólogo que atua dentro das organizações é rediscutido de forma a atender as exigências do mercado atual da gestão de recursos humanos. Nota-se uma mudança de postura em relação aos modelos tradicionais. Recrutar, selecionar, treinar e avaliar já não são mais as únicas possibilidades de atuação deste profissional que, para se adequar a essa nova tendência, busca conciliar diferentes conhecimentos teóricos, transformando sua atuação, muitas vezes subjetiva, em resultados palpáveis para as organizações. É com a modificação da terminologia Psicólogo de Recursos Humanos para Psicólogo Organizacional e do Trabalho que este “novo profissional” busca uma diferenciação em suas atividades no que diz respeito ao estudo das organizações e dos processos de trabalho concomitantemente com a extinção de sua imagem associada à de um profissional que apenas favorece os interesses do capital contribuindo com a alienação do trabalho.

Dentre os muitos temas já explorados pelo cinema, o trabalho é um destes temas recorrente na história do pensamento humano desde há longo tempo. Estamos habituados a compreender o conceito de trabalho humano comumente como atividade econômica e não como um gênero do cinema ou mesmo como fonte de inspiração do mesmo.

O cinema trata de sonhos, e, portanto, expressa em imagens e sons as mais variadas e geralmente desconhecidas, emoções humanas. Assim como o cinema, o sonho cria as cenas, une-as em seqüências, por vezes incompreensíveis, para poder dizer algo sobre o mundo interno e comunicar algo sobre as pessoas. O que vemos e fazemos durante um sonho não é real, no entanto só nos deparamos com esta realidade ao acordarmos. Enquanto este perdura, cremos que seja verdadeiro. A essa “*impressão da realidade*” é creditada a base do grande sucesso do cinema. Nele, fantasia ou não, a realidade se impõe com toda força de forma que um filme visto na tela torna-se para o espectador, prova de realidade.

A fronteira entre realidade e ficção vem se tornando cada vez mais estreita. O cinema tem a potencialidade de transgredir os limites existentes dentro o real e o imaginário. Ele descreve lutas, vitórias, derrotas, sonhos e esperanças, desvenda fantasias, angústias, injustiças e felicidades refletidas de uma sociedade. Casa assim o real com o imaginário, estabelecendo uma relação de cumplicidade dentro e fora da tela com o espectador (Pereira, 2009).

O cinema, décadas após a invenção da fotografia, mostrou que a apresentação “direta” da realidade, a possibilidade de reproduzir tecnicamente, de modo quase inteiramente fiel, o olhar humano, não torna as imagens autoexplicativas. Ao contrário, este nos faz ver que a imagem nunca é uma realidade simples. Ao dizer que este expressa a realidade, o grupo social que o encampou coloca-se como que entre parênteses, e não pode ser questionado. A classe dominante, para dominar, não pode nunca apresentar a sua ideologia como sendo *a sua* ideologia, mas ela deve lutar para que esta ideologia seja sempre entendida como a verdade (Bernadet, 1980). Portanto, mais do que somente uma arte, a sétima dentre elas, o cinema possui uma força de dominação ideológica, cultural, estética e comercial advinda dos ideais burgueses do começo do século XX.

Em concordância com a tese de Eisenstein (2003), de que o cinema produz ideologia, lembra-se que para aumentar ainda mais a capacidade de verossimilhança com a realidade, os filmes com frequência se ambientam em determinadas épocas históricas e criam pontos de conexão com um "discurso comum" já existente sobre tal fato, assim, o filme "finge" submeter-se à realidade com o intuito de tornar sua ficção verossímil. E é por aí que o filme se transforma em veículo para a ideologia.

Além deste poder ideológico atribuído ao cinema, este, bem como outros recursos audiovisuais, atualmente é utilizado como um grande auxiliar no processo ensino-aprendizagem devido à facilidade de absorção das imagens e das informações pelos espectadores, contrapondo o método didático clássico de uma aula expositiva. Com o advento do movimento cineclubista dos anos 20 do século XX, o cinema passa a ser utilizado de modo democrático e sem fins lucrativos, adotando um compromisso cultural e ético, que propõe a utilização

deste recurso com a finalidade de propor discussões críticas direcionadas por temas predefinidos.

A indústria cinematográfica, a distribuição do filme, a forma de produção etc. estão intrinsecamente mergulhadas nos conceitos econômicos, sociais, culturais, políticos e ideológicos vigentes no país e no tempo em que um filme é produzido. E isto faz com que a obra fílmica torne-se objeto de estudo para as ciências sociais. O cinema pode ser concebido como o veículo das representações que uma sociedade tem de si mesma, porém, para se extrair esse "conteúdo" do filme, é necessário que o pesquisador social tenha uma boa leitura da história sócio-cultural do momento e do país em que a película é produzida. E só por meio dessa complexa relação entre a obra e o meio social que podemos torná-la como representação de uma sociedade (Pereira, 2009).

É bom salientar que se a sociedade exerce influência sobre a produção cinematográfica, a recíproca também é verdadeira. A ação exercida pelo cinema nos espectadores é um fato inquestionável. Tomar conhecimento desse mecanismo é fundamental para o trabalho analítico, visto que boa parte do conteúdo do filme, sobretudo no cinema dito comercial, é ditada pelos gostos e pelas expectativas do público que, por sua vez, é influenciado pelos filmes, numa relação recíproca e, porque não dizermos, dialética. Cabe, então, ao pesquisador, buscar, detectar e diferenciar esses elementos. Mas essa tarefa, por vezes árdua e tortuosa, só pode ser realizada parcialmente, visto que o significado mais totalizante de uma película apenas pode estar presente nela própria. Com isso, quando o pesquisador social toma a obra fílmica como objeto central de estudo, ele se depara frente a impossibilidade de uma análise total e perfeitamente acabada, visto que sua análise só é alcançada por meio de hipóteses.

Dessa forma, entende-se que a obra cinematográfica é suscetível a abordagens muito diversas, uma vez que não existe uma única teoria sobre cinema, ao contrário, existem várias teorias que correspondem a cada uma dessas abordagens possíveis do filme.

Voltando nossos olhares para o novo (e precário) mundo do trabalho, a mundialização do capital e os modelos de gestão de recursos humanos adotados na pós-modernidade, pretende-se com esta pesquisa utilizar o cinema como

ferramenta de compreensão da sociedade atual e de entedimento desta precarização pela qual passa o mundo do trabalho no capitalismo global.

Dentre as obras a serem analisadas, destaca-se a produção ibero-americana “O que você faria?” (El Método, 2005) dirigido por Marcelo Piñeyro que trata da temática da gestão de recursos humanos focada em recrutamento e seleção onde, sete candidatos a uma importante vaga numa empresa multinacional decorrem, segundo o Método Gronholm, e encontram-se fechados nos escritórios de um arranha-céu madrileno, enfrentando diversos testes que irão determinar qual o “mais apto” para ocupar a vaga. Os candidatos são informados de que entre eles há um espião da empresa, que irá observar os seus comportamentos e avaliá-los. Submetidos a um conjunto de provas cada vez mais surreais, serão os próprios candidatos, através dos seus comportamentos e escolhas, que irão determinando quem fica e quem é eliminado deste processo. Tateando e medindo os outros, cuidadosos com os seus próprios passos, mas vorazes, são o espetáculo de circo romano perfeito para uma empresa “sem rosto” que apenas os observa.

Outra obra fílmica a ser analisada é a obra Franco-Hispânica-Belga “O Corte” (Le Couperet, 2005) do cineasta grego Constantin Costa-Gravas que discute os conflitos provocados pelo desemprego estrutural. O filme narra a história de Bruno Davert, um engenheiro químico ligado à indústria do papel que após 15 anos de dedicação à empresa é demitido por conta de uma reestruturação e conseqüente relocação de uma empresa romena. Após dois anos de busca infrutífera por um novo emprego, Davert passa a eliminar fisicamente seus possíveis concorrentes, período durante o qual sua posição social e a desestruturação de seu contexto familiar se tornam nítidas.

Voltado para as temáticas dos processos de gestão de recursos humanos, desemprego e precarização do trabalho, serão analisadas a produção francesa intitulada “A Questão Humana” (La Question Humaine, 2007) e a produção norte-americana concorrente ao Oscar de melhor filme em 2010 “Amor sem Escalas” (Up in the air, 2009) que tratam respectivamente da história de Simon que trabalha como psicólogo no departamento de recursos humanos da filial francesa de uma corporação petroquímica de origem alemã e que, em determinada instância do filme, a percepção de Simon torna-se caótica quando o vice-

presidente da referida empresa lhe pede que investigue a vida do presidente, suspeito de insanidade mental fazendo o passado voltar à tona durante o inquérito, revelando ligações indeléveis da empresa com o regime nazista, e, da trajetória de Ryan Bingham, um consultor contratado por empresas para assumir a árdua tarefa de demitir os funcionários considerados “não mais necessários”.

Desta forma, temos quatro produções fílmicas que contém em suas narrativas, as temáticas envolvidas na presente pesquisa e que através delas – de outras produções que possivelmente surgirão ao longo da pesquisa – possa constituir-se dinâmicas de análise crítica que auxiliem no entendimento da sociedade “pós-moderna”.

### **3. A justificativa da pesquisa**

Como vimos na introdução, observamos, hoje, o desenvolvimento de uma marcante tendência da mundialização do capital no novo complexo de reestruturação produtiva que contribui com a precarização do trabalho no capitalismo global.

Nesse sentido, a pesquisa se justifica pela proposta de utilização do cinema como experiência crítica considerando o filme como uma totalidade concreta aberta, capaz de “sugerir” um complexo de temas significativos e eixo temático para uma discussão sobre problemas cruciais da sociabilidade do capital que podem ser apreendidos, de formas crítica, pelo espectador-pesquisador. A apropriação crítica (e compreensiva) do cinema permite por um lado, a apreensão da forma e do sentido das obras fílmicas em questão e por outro, contribui para o desenvolvimento do complexo teórico-categorial utilizado pelo sujeito-receptor habilitado. O que significa que a análise crítica de filmes pode contribuir com o desenvolvimento das ciências sociais. A relação do filme como objeto de reflexão crítica com o espectador pode se constituir como uma experiência crítica capaz de propiciar uma relação de compreensão hermenêutica e de dialogicidade plena.

### **4. Objetivos**

#### **4.1 Objetivo Geral**

Esta pesquisa tem como objetivos analisar o trabalho e a gestão em filmes ficcionais produzidos nos últimos vinte anos (época em que se tem a degradação do mundo do trabalho), e determinar a representação da gestão dos recursos humanos neste contexto. Para isso utilizar-se-á o cinema como instrumento de reflexão crítico-sociológica tendo como finalidade discorrer, através dos filmes, sobre a precarização do mundo do trabalho e os modelos de gestão adotados no capitalismo global.

#### **4.2 Objetivos Específicos**

- Identificar filmes do cinema mundial que apresentem conteúdos que façam referências à temática “trabalho e gestão”;
- Analisar o contexto sócio-histórico dos filmes em questão;
- Descrever a precarização do trabalho e as teorias da gestão da força de trabalho do capital.

#### **5. Procedimentos Metodológicos**

A metodologia a ser utilizada na pesquisa envolverá três instâncias: análise bibliográfica, análise documental (filmes) e técnicas de hermenêutica crítica.

##### *a) Análise bibliográfica*

Segundo Quintella (2004) os principais objetivos da análise bibliográfica são:

- a) analisar o “estado da arte” da literatura que está sendo utilizada em trabalhos que abrangem os temas mundialização do capital, precarização do mundo do trabalho, gestão de recursos humanos e psicologia organizacional e do trabalho aí inclusos teses e dissertações, trabalhos apresentados e publicados em anais de congressos e outros encontros científicos, artigos publicados em revistas ou periódicos e livros;
- b) delimitar o período de tempo em que estas obras foram publicadas;
- c) verificar a existência de unanimidade na citação de autor(es), livro(s), revista(s), editora(s), encontro(s) científico(s), o que dará uma indicação de fontes de informação de prestígio onde pode-se pesquisar trabalhos e publicar artigos;

d) ser um referencial bibliográfico para o meio acadêmico e pesquisadores interessados nestes assuntos.

*b) Análise documental*

Quanto a análise documental de cada filme, esta estará relacionada diretamente com o olhar e a perspectiva do "analista". Um filme diz tanto quanto for questionado. São infinitas as possibilidades de leitura de cada filme. Algumas películas, por exemplo, podem ser muito úteis na reconstrução dos gestos, do vestuário, do vocabulário, da arquitetura e dos costumes da sua época, sobretudo aquelas em que o enredo é contemporâneo à sua produção. Mas, para além da representação desses elementos audiovisuais, elas "espelham" as crenças, esperanças e utopias da sociedade que o produziu, incluindo se aí sua ideologia, como já observava Eisenstein (2003) em sua obra.

Para o melhor aproveitamento do caráter documental do filme, será necessário dissecar os significados "ocultos" (porém presentes: não se trata de caminhar na via das elucubrações e especulações) existentes na película. O método de investigação consiste, simplificada, em buscar os elementos da realidade através da ficção, e desta forma pensar e entender a sociedade que o produziu (Pereira, 2009).

*c) Técnicas de Hermenêutica Crítica*

As técnicas de hermenêutica crítica serão constituídas em dinâmicas de análises críticas de filmes predeterminados, a partir da qual se discute temas das ciências sociais buscando apreender sugestões heurísticas interessantes capazes de propiciar uma consciência crítica da sociedade pós-moderna. Adotando procedimentos de análise crítica que implicam numa longa imersão reflexiva do sujeito-receptor na forma e no sentido do filme, desenvolve-se também um processo de aprendizagem crítica a partir da discussão da narrativa fílmica. O aprimoramento de uma metodologia de análise crítica não se resume meramente à inculcação de conteúdos críticos a partir de um material dado. O produto material é mais resultado prático de uma dinâmica de análise crítica do filme do que ponto de partida absoluto.

## 6. Discussão

A pesquisa ainda encontra-se em sua fase inicial e passa portanto por revisão teórica e metodológica para sua execução.

## 7. Referências Bibliográficas

ALVARENGA, Márcio. *Cinema: O templo dos sonhos*. Uberlândia: Editora Claranto, 2000.

ALVES, Giovanni. *Cinema e Trabalho – O mundo do trabalho através do cinema*. São Paulo: Editora Praxis, 2006.

\_\_\_\_\_. *Dimensões da globalização*, Londrina: Editora Práxis, 2001.

\_\_\_\_\_. *Dimensões da reestruturação produtiva – ensaios de sociologia do trabalho*. Londrina: Editora Praxis, 2ª Ed, 2007.

\_\_\_\_\_. *O novo (e precário) mundo do trabalho*, São Paulo: Editora Boitempo, 2000.

\_\_\_\_\_. *Trabalho e Mundialização do Capital – A Nova Degradação do Trabalho na Era da Globalização*. Londrina: Editora Praxis, 2ª Ed, 1999.

ANTUNES, Ricardo. *Adeus Ao Trabalho? – Ensaio sobre as Metamorfoses e a Centralidade do Mundo do Trabalho*, São Paulo: Editora Cortez, 1995.

ARISTARCO, Guido. *História das teorias do cinema*. Lisboa: Editora Arcádia Limitada, 1963.

BASTOS, A. V. B. *Psicologia organizacional e do trabalho: Que respostas estamos dando aos desafios contemporâneos da sociedade brasileira?* In O. H. Yamamoto & V. V. Gouveia (Eds.), *Construindo a psicologia brasileira: Desafios da ciência e da prática psicológica* (pp. 139-166). São Paulo, SP: Casa do Psicólogo, 2003.

BASTOS, A.V.B. e ACHCAR, Rosemary. *Dinâmica profissional e formação do psicólogo: uma perspectiva de integração*. In: ACHAR, Rosemary (coord.) *Psicólogo brasileiro: práticas emergentes e desafios da formação*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.

BASTOS, A. V. B. e GALVAO-MARTINS, A. H. C. *O que pode fazer o psicólogo organizacional*. *Psicol. cienc. prof.*, 1990, vol.10, no.1, p.10-18. ISSN 1414-9893.

BENDASSOLLI, Pedro F. *Psicologia e Trabalho: apropriações e significados*. São Paulo: Cengage Learning, 2009.

- BERNARDET, Jean-Claude. *O que é cinema*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 8ª Ed., 1986.
- BLEGER, J. *A entrevista psicológica*. Seu emprego no diagnóstico e na investigação. In: *Temas de psicologia entrevistas e grupos*. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- BORGES-ANDRADE, J.E. *A Formação e Competência do Profissional de Treinamento*. Comunicação apresentada no XVII SEMINÁRIO) BRASILEIRO DE TECNOLOGIA EDUCACIONAL, s/d (mimeo).
- CAMACHO, J. *Psicologia organizacional*. São Paulo, EPU, 1984.
- CHANLAT, J. F. (coord). *O indivíduo na Organização. Dimensões esquecidas*. Volume I. São Paulo: Atlas AS, 1993.
- DEJOURS, Cristophe. *A Loucura do Trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho*. Trad. Ana Isabel Paraguay e Lúcia Leal Ferreira. São Paulo: Cortez-Oboré, 1991.
- EISENSTEIN, S. M. *Montagem de Atrações*. In: XAVIER, I. (Org.) *A experiência do Cinema: antologia*. Rio de Janeiro: Graal: 2003. (a) \_\_\_\_\_ . *Da literatura ao cinema: uma tragédia americana*. In: XAVIER, I. (Org.) *A experiência do Cinema: antologia*. Rio de Janeiro: Graal: 2003.
- \_\_\_\_\_ . *Método de realização de um filme operário*. In: XAVIER, I. (Org.) *A experiência do Cinema: antologia*. Rio de Janeiro: Graal: 2003. (b) \_\_\_\_\_ . *Novos problemas da forma cinematográfica*. In: XAVIER, I. (Org.) *A experiência do Cinema: antologia*. Rio de Janeiro: Graal: 2003. (d)
- FANTINI, João Angelo. *Imagens do pai no cinema: clínica da cultura contemporânea*. São Carlos: EdUFSCar, 2009.
- GARCIA-ROZA, Luis Alfredo. *Freud e o inconsciente*. São Paulo: Jorge Zahar Ed., 2004.
- GILMOUR, David. *O Clube do Filme*. Trad: Luciano Trigo. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2009.
- GOMES, R. *Análise de dados em pesquisa qualitativa*. In: MINAYO, M. C. S. (org). *Teoria e método em pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 67-80

- GOUVEIA, A. J. *Notas a respeito das diferentes propostas metodológicas apresentadas*. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 49, p. 67-70, maio, 1984.
- IANNI, O. *A sociedade global*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1992.
- GRAMSCI, Antonio. *Maquiavel, a Política e o Estado Moderno*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.
- KORNIS, M. A. *Cinema, televisão e história*. Coleção passo-a-passo 86. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.
- MACIEL, R. H. *Formação profissional do psicólogo*. In: 2º ENCONTRO DE PSICOLOGIA E TRABALHO, 1992. Anais... São Paulo: Conselho Regional de Psicologia-06, 1992.
- MALVEZZI, S. Prefácio. In J. C. Zanelli, J. E. Borges-Andrade & A. V. B. Bastos (Eds.), *Psicologia, organizações e trabalho* (pp. 13-18). Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 2004.
- MALVEZZI, S. *O papel dos psicólogos profissionais de recursos humanos: um estudo na grande São Paulo*. São Paulo, 1979. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social). Pontifícia Universidade Católica.
- MARX, Karl. *O Capital – Crítica da Economia Política*, Livro 1, Editora Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 1988.
- MARX, K. E ENGELS, F. *A Ideologia Alemã (Feuerbach)*, Hucitec, São Paulo, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Manifesto Comunista*, São Paulo: Boitempo, 1998.
- MÉSZAROS, I. *A Teoria da alienação em Marx*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- MOLLON, Phil. *O Inconsciente – Conceitos de Psicanálise*, Viver (Mente e cérebro): São Paulo, 2005.
- PEREIRA, O. D. *O filme como objeto de estudo das ciências sociais*. Tela Crítica: Revista de Sociologia e Cinema. Ano 06, nº 6, Dezembro, 2009.
- QUINTELLA, Heitor M. *Análise bibliográfica e mapeamento da produção de um grupo de pesquisa sobre o uso competitivo da tecnologia de informação*. In: Engevista, v. 6, n. 2, p. 36-47, agosto, 2004.
- RIVERA, Tania. *Cinema, imagem e psicanálise*. Coleção passo-a-passo 85. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

SANDOVAL, S. A. M. . *A Crise Sociológica e a Contribuição da Psicologia Social ao Estudo dos Movimentos Sociais*. Educação e Sociedade, São Paulo, v. 34, n. 2, p. 122-130, 1989.

SANTOS, Maria João Nicolau. *Gestão de recursos humanos: teorias e práticas*. *Sociologias*, Porto Alegre, n. 12, dez. 2004 . Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S151745222004000200006&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151745222004000200006&lng=pt&nrm=iso)>. acesso em 22 mar. 2010.

SILVA-FILHO, A. Carlos Pacheco. *Cinema, literatura e psicanálise*. São Paulo: EPU, 1988.

SILVEIRA, Walter. *Fronteiras do cinema*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1966.

TELLES, Sérgio. *O psicanalista vai ao cinema*. São Paulo: Casa do Psicólogo; São Carlos: EdUFSCar, 2004.

\_\_\_\_\_. *O psicanalista vai ao cinema II*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.

TOLENTINO. C. Ap. F. *Sobre a Arte como atitude intelectual*. Texto apresentado para exame de qualificação junto ao IFCH/Unicamp, mimeo, 2006.

XAVIER, Ismael. *O olhar e a cena – Melodrama, Hollywood, Cinema Novo*, Nelson Rodrigues. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

\_\_\_\_\_. *Sétima arte: um culto moderno*. São Paulo: Perspectiva: Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1978.

\_\_\_\_\_. *Cinema: Revelação e Engano*. In. *O Olhar*. Org. NOVAES, A. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

\_\_\_\_\_. *O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

ZANELLI, J. C. *O psicólogo nas organizações de trabalho*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

ZANELLI, J. C., & BASTOS, A. V. B. Inserção profissional do psicólogo em organizações e no trabalho. In J. C. Zanelli, J. E. Borges-Andrade & A. V. B. Bastos (Eds.), *Psicologia, organizações e trabalho* (pp. 466-491). Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 2004.

ZANELLI, J. C., & SILVA, N. *Interação Humana e Gestão: a construção psicossocial das organizações de trabalho*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.

